

A influência da crônica na prática da leitura de jornais: Plínio Marcos, Jornal da Orla, 1999

The influence of the chronicle in the practice of reading of newspapers: Plínio Marcos, Jornal da Orla, 1999

Sérgio Arruda de Moura*
Mozarth Dias de Almeida Miranda**

O presente artigo faz um breve contexto sobre a crônica e a sua potencialidade na conquista de novos leitores. O estilo aceito pelos jornais é um espaço livre para abordagem de diferentes temas. É o local de reflexão e respiro longe dos fatos diários. O cronista Plínio Marcos fugia do cotidiano e utilizava nos seus textos personagens reais e fictícios, histórias que ele muitas vezes busca na infância e na juventude. Outro ponto abordado neste trabalho são as características presentes na produção feita para o Jornal da Orla, entre os meses de janeiro e outubro de 1999, de outros gêneros literários como conto, coluna e artigo.

This article brings a brief context of chronicle and its potential to gain new readers. The style accepted by the newspapers is a free space for addressing different themes. It is a place of reflection and breathe away from the daily facts. The chronicler Plinio Marcos would scape daily routine and use real and fictional characters in his texts: stories that he often sought in his childhood and youth. Another point addressed in this work is the characteristics that are present in the production of other literary genres such as tale, column and article made for the Jornal da Orla between the months of January to October 1999.

Palavras-chave: Ensino contemporâneo da Arte. Politecnia. Formação estética. Educação para o trabalho.

Keywords: Contemporary Art Teaching. Politecnia. Aesthetic training. Education for work.

Introdução

A crônica como gênero textual abre as possibilidades para a escrita, a partir da variedade de conhecimentos adquiridos pelo leitor; ela pode contribuir com isso, por ser um gênero que aparece em vários suportes textuais, a exemplo dos jornais, revistas, internet, entre outros, e até no rádio e na televisão. Assim, a crônica chega facilmente às pessoas, despertando nelas o interesse pelo texto escrito.

Um dos principais objetivos das aulas de Língua Portuguesa é aperfeiçoar a expressão oral e escrita do aluno, de modo que seja capaz de utilizar com eficácia a linguagem verbal nas diversas situações comunicativas. A leitura exige muito mais do

* Doutor em Literatura Comparada (UFRJ). Professor Associado I da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF) – Campos dos Goytacazes (RJ) – Brasil. E-mail: arruda@uenf.br.

** Mestre em Televisão Digital (Unesp) e jornalista. Professor (Centro Universitário Fluminense e Faculdade Redentor) - Campos dos Goytacazes (RJ) - Brasil. Repórter Intervi Planície (afiliada Globo). E-mail: mozarthdias@hotmail.com.

que uma simples decodificação das palavras ou interpretações superficiais. É necessário que haja inferências para que o texto seja — de fato — compreendido; desse modo, é que a verdadeira leitura acontece. Assim, a exploração de gêneros textuais de circulação social em situações reais de comunicação surge como alternativa para um ensino de língua mais eficiente.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais destacam que, para haver plena participação social do indivíduo, é necessário o domínio da linguagem como atividade discursiva e cognitiva, e o domínio da língua como sistema simbólico empregado por uma comunidade linguística. O documento ressalta ainda que, através da linguagem, as pessoas se comunicam, têm acesso à informação, defendem e expressam opiniões, partilham ou criam visões de mundo e geram cultura (BRASIL, 1998, p. 19).

Uma metodologia de ensino voltada tanto à leitura quanto à escrita, a partir de uma crônica, conduz o indivíduo à apreciação de outros gêneros com os quais ele mantém contato diário, bem como — dependendo do tema tratado — o leva a adentrar conteúdos abordados em outras áreas do saber, desenvolvendo, dessa forma, a interdisciplinaridade. Além disso, a crônica é um gênero encontrado não só nos livros didáticos, mas também nos jornais, revistas e na internet, o que facilita o contato do aluno com a produção textual, porque está em espaços informais e acaba ajudando o trabalho do professor, dinamizando inclusive as atividades na sala de aula.

Este artigo pretende mostrar a importância desse gênero textual na aprendizagem do estudante, utilizando como objeto de estudo as 44 crônicas produzidas pelo escritor Plínio Marcos no *Jornal da Orla* em 1999.

Crônica: um gênero híbrido

A origem da crônica remete à etimologia *chronos*, que evoca o deus grego que representa o tempo. Para Bulhões (2007), reconhecer o *chronos* é estabelecer que a crônica se encontra em uma faixa temporal e que existe uma necessidade de registrar os fatos em uma dada circunstância.

O gênero "crônica" respira desprendimento e autonomia. Pode-se dizer que ela preenche um espaço independente das páginas dos periódicos, devido ao seu livre arbítrio de "pautar" o que acha interessante e dizer o que pensa, e de não encontrar, de um modo geral, imposição da linha editorial do jornal.

No jornalismo brasileiro a crônica é um gênero plenamente definido. Sua configuração contemporânea permitiu a alguns estudiosos proclamarem que se trata de um gênero tipicamente brasileiro, não encontrando equivalente na produção jornalística de outros países. Diz Paulo Rónai:

Para qualquer brasileiro a palavra crônica tem sentido claro e inequívoco, embora ainda não dicionarizado; designa uma

composição breve, relacionada com a atualidade, publicada em jornal ou revista. De tal forma esse significado está generalizado que só mesmo os especialistas em historiografia se lembram de outro, bem mais antigo, o de narração histórica por ordem cronológica.

Do ponto de vista histórico, a crônica efetivamente significa narração de fatos, de forma cronológica, como documento de posteridade. A produção dos cronistas foi legitimada pela literatura que a recolheu como representativa da expressão de uma determinada época.

A história da crônica no jornalismo

Os historiadores literários explicam que os escritores da época, não tendo condições de viver da literatura, recorriam à imprensa como fonte de sustentação. A imprensa pagava mal, mas pagava em dia. É exatamente como folhetim que a crônica surge no jornalismo brasileiro; um espaço que os jornais reservam para o registro que aconteceu no período. Sua redação é confiada a escritores (poetas ou ficcionistas). Segundo Afrânio Coutinho (1997), “o folhetim começou com Francisco Octaviano, em 1852, no *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro. Ali, ele assinava o 'folhetim semanal'. Seus continuadores são José de Alencar, Manuel Antônio de Almeida, Machado de Assis, Raul Pompéia e Coelho Neto” (p.112).

Pouco a pouco o folhetim foi assumindo a característica que o tornaria um gênero autônomo no nosso jornalismo, distanciando-se da seção de variedades. No entender de Afrânio Coutinho, a crônica adquire personalidade com Machado de Assis, que, ao praticar esse gênero, confessava-se escrevendo “brasileiro”.

Não obstante tenha se afirmado como gênero peculiar desde os fins do século XIX, somente nos anos de 1930 surgiu aquela modalidade de expressão jornalística que daria à crônica um perfil marcadamente nacional. Diz Antônio Candido (1992):

Acho que foi no decênio de 1930 que a crônica moderna se definiu e consolidou no Brasil, como gênero bem nosso, cultivado por um número crescente de escritores e jornalistas, com os seus rotineiros e os seus mestres. Nos anos 30 se afirmaram Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, e apareceu aquele que de certo modo seria o cronista, voltado de maneira praticamente exclusiva para este gênero: Rubem Braga. (p. 133)

Esse marco indicado por Antônio Cândido reflete dois episódios que mudariam o panorama cultural brasileiro e que decorrem do processo de industrialização e urbanização que alterou a realidade econômica do país. Um deles é a Semana de Arte

Moderna de 1922, que inicia um movimento de brasilidade, levando a nossa literatura a se aproximar da realidade nacional tanto na linguagem quanto nas temáticas. O outro é o desenvolvimento da imprensa, pois nessa época os jornais assumem feições empresariais tornando-se mais dinâmicos, ampliam seu público leitor e incorporam a agilidade da moderna imprensa europeia e norte-americana.

De acordo com Moisés, a crônica atrai o leitor por seu estilo ágil, simples e poético, diferenciando-se assim dos demais textos publicados no jornal (1979, p. 257). No que diz respeito à linguagem, segundo Moisés, a crônica apresenta um estilo direto, espontâneo, jornalístico, de fácil apreensão, mas nem por isso deixa de valer-se da linguagem metafórica que caracteriza as obras literárias (1979, p. 256).

A Crônica e a Formação de leitores

Um gênero textual com possibilidades de abrir esse caminho é a crônica. Por apresentar uma linguagem moderadamente elaborada, mais tendente à informalidade; forma breve, estilo próximo ao da conversação, ora lirismo, ora humor, refletindo sobre fatos do cotidiano, a crônica facilmente se aproxima dos leitores.

O gênero é marcado pela atualidade, captando com argúcia e sensibilidade o dinamismo da notícia que permeia toda a produção jornalística. Ainda que o cronista mantenha, como diz Antônio Cândido (1992): “uma conversa aparentemente fiada” em torno de questões secundárias, não vinculadas ao espectro noticioso, isso constitui um momento de pausa, que reflete a trégua necessária à vida social. Além de ser um gênero híbrido que informa e diverte, a crônica (no momento adequado) pode encaminhar ao trabalho com outros gêneros textuais que, na maioria das vezes, são introduzidos na sala de aula de maneira brusca, o que acaba causando o desinteresse dos alunos pela leitura.

Uma metodologia voltada à leitura a partir do gênero “crônica” encaminha os jovens a outros gêneros com os quais eles mantêm contato diário, bem como — dependendo do assunto tratado — os faz adentrar em conteúdos abordados em outras áreas do conhecimento. Segundo Silveira (2009, p. 238), “[...] a crônica se presta muito bem ao uso de oficinas de leitura e produção de texto e, se o professor fizer uma boa seleção de crônicas, ela poderá despertar no aluno o tão desejado prazer do texto”.

Por meio da crônica podem-se conhecer particularidades de várias culturas, manifestações de um povo, de uma época, numa miscigenação entre o jornalístico e o literário, além da abordagem de temas mais próximos dos leitores, especialmente daqueles que não têm a leitura como uma prática.

A crônica de Plínio Marcos

O dramaturgo, que se destacou nos anos 1970-80 com peças relevantes para a renovação da cena teatral brasileira, mantém o que se pode chamar de discurso da “malandragem” na construção de personagens marginais que tanto caracterizou a sua obra. Ali estão os jogos de várzea, o misticismo das classes pobres, a prostituição, o delicado acorde sobre a decadência do teatro e da cidade que ainda vivem em sua memória.

Plínio Marcos apresenta histórias de e com pessoas e lugares que conheceu, buscando um cotidiano tão peculiar ao discurso jornalístico. É evidente que, em se revelando como crônica, o seu discurso investe no aspecto poético no trato com os personagens, criando uma impressão de fundo ficcional e de fabulação formidáveis.

Comparado à produção dramaturgica de Plínio Marcos, seu trabalho como cronista não é muito estudado. Ele compõe histórias com personagens reais e fictícios e muitas vezes participa, como uma espécie de “comentador-personagem”, do relato que compõe. Além disso, a maestria com os diálogos e a narrativa em pleno domínio do escritor maduro e vivido atua também como um testemunho. É, enfim, uma história da cidade de Santos, periferia e centro, ao privilegiar os becos, as esquinas, os botecos e bares, os personagens já esquecidos, nos aglomerados marginais da sociedade.

A rememoração e a linguagem dos marginalizados

Plínio Marcos rememora fatos em suas crônicas. A dinâmica de um jornalista livre de pautas amarradas também o libera para o exercício ficcional, ao mesmo tempo que o jornalístico e o etnográfico. A necessidade de relatar as suas histórias do passado fica evidente em trechos como este:

Nas comemorações da Semana Santa eu sempre sinto uma saudade imensa dos tempos em que era artista de circo. Nessa época, em baixo de qualquer lona, do melhor pavilhão ao pior mafuá, todos os circos montavam a Paixão de Cristo. Era um agito (“Paixão de Cristo em Mafuá”, 04/04/1999).

Relembrar casos como esses mostra as origens difíceis de toda a grande carreira. E parece que esse é o dado relevante dessa crônica-memória. Outra estreia do passado confirma isso:

Naquele tempo, a estreia no Teatro do Centro Português foi cheia de forrobodó: polícia, censura, uma proibição atrás da outra. Escoramos as broncas e aprendemos que respeito se conquista encarando as encrencas. Tiveram que me engolir. Estão tendo que

me engolir ainda, com casca e tudo, e será assim até o final dos meus dias (“Saltimbanco do Macuco”, 03/10/1999).

Ao expor as formas de expressão do sujeito marginalizado, dá voz, sem filtro, a uma realidade humana, o que ele julga ser o trabalho do cronista. O autor, muitas vezes, observa o fato que se passou ou sobre o qual ouviu falar, e, assim, coleta informações. Dessa forma, o uso de expressões e construções sintáticas personifica o tipo enquadrado no toque de romancista que, aliás, ele é.

A crioula ficou uma vara. Se picou de raiva e foi bronquear com a macumbeira.
– Tu é enganadeira. Pegou a minha nota e não jogou o desgraçado do Bacalhau no chão.
– Não aconteceu nada com o teu homem? – a mãe Begum se fez de boba.
– Não! Não! Não! O português está mais firme que uma rocha – berrou a negrinha.
– O cara é cutruco? – perguntou de surpresa Mãe Begum.
– É Português, sim! Português salafra! – selou a atucanada Marion.
– Por que não avisou logo que o tal pilantra era labrego? Daí eu não pegava o trabalho – declarou aliviada a Mãe Begum de Obá. Diante do espanto da negrinha Marion, a mãe de santo pôs a maior banca:
– Escuta, minha filha: se macumba pegasse em português, crioulo nunca tinha sido escravo[...] (“Amor e ódio de Bacalhau e Marion”, 18/07/1999).

O teor de violência na linguagem é um aspecto que deve ser observado com ênfase.

– Que zorra! Trazer pixote em jogada dá nisso.
Porém, o Neguinho maneirou e deu destino pro Zico:
– Que nada, gente! O garoto é ponta firme. Vai ser matador. Na primeira vez que se apaga um pinta é assim mesmo. A gente vomita, vai na igreja rezar pela alma do desgraçado, tem sonho ruim, carrega fantasma pra lá e pra cá. Depois do segundo, não dá mais truta (“O Batismo”, Jornal da Orla, 10/10/1999.)

Outros gêneros dentro da crônica

Percebemos durante a observação que, dentro do gênero, outros se levantavam para fortalecer a complexidade do texto do autor. A crônica consegue, nesse caso, abarcar outros formatos, pois o espaço “Janela Santista” era diverso e permitia essa variedade e riqueza. Assim, identificar as diferenças de cada estilo, posicionar-se

perante a literatura é uma experiência rica para o aluno.

Coluna

Segundo Bond (1962), o cronista em geral produz um “coluna miscelânea”, ou seja, “foge ao padrão tipográfico convencional, misturando tipos; não se prende a nenhum assunto, incluindo uma grande variedade de temas” (MELO, 2003, p. 141). Como já observamos, há uma intensa multiplicidade de assuntos:

Com a vida custando os olhos da cara do jeito que está, tem gente se agarrando em fio desencapado, matando cachorro a grito, jacaré a beliscão, fazendo qualquer negócio pra defender o feijão de cada dia. E isso já faz tempo [...] Por isso, não causa espanto a profissão escamosa de Onorino: ele vivia de matar macuco (“O pio do macuco”, 22/08/1999).

A coluna, na realidade, é uma seção que emite juízos de valor com sutileza ou de modo ostensivo. O próprio ato de selecionar fatos e “personagens” a merecerem registro já revela uma inclinação para o opinativo. Assim, pode-se dizer que a coluna tem fisionomia persuasiva.

Artigo

O artigo é o gênero que democratiza a opinião no jornalismo, tornando-a não um privilégio da empresa jornalística e dos seus profissionais, mas possibilitando o seu acesso a cidadãos, líderes comunitários e intelectuais. O acesso à opinião do articulista nos leva a crer numa forma de representação preocupada com a formação intelectual do leitor. Analisaremos marcas desse gênero presentes na produção de Plínio nos dez meses de publicações de suas crônicas no *Jornal da Orla*.

Por meio de argumentos, histórias de pessoas, reflexões e opiniões, Plínio Marcos nos faz observar peculiaridades no seu texto que tangem o gênero “artigo”. Analisando os textos, deparamo-nos com a liberdade do cronista em abordar temas que não estavam em pauta na época da publicação dos textos, como exemplificado abaixo:

Na Europa inteira se confunde esse tipo de artista com faquir. Mas não tem nada a ver. É tipo de artista de mafuá, de circo mambembe, de fim de feira. [...] Mas não é faquir. [...] O europeu confunde muito feiticeiro ropiador, o dervixe e o iogue com o faquir. Nada a ver. Esses jamais seriam autoflageladores. Esses podem ser santos, curadores, mas nunca se autopuniram como faz um faquir (“Nem tudo que parece é faquir”, 23/05/1999).

A crônica de Plínio Marcos se consagra a partir desta liberdade que ele mesmo se concede, como um gênero que traz tanto a diversidade temática inscrita na memória, quanto o aspecto prático do que diz, que não encontrou outro estilo senão o de argumentar a maneira do gênero artigo.

Conto: um toque de literatura

As nuances do gênero "conto" presentes nas crônicas de Plínio Marcos dizem respeito basicamente à existência de conflito no interior da ação narrativa. O conto nasce, segundo Moisés (1965), quando se dá o choque entre dois personagens, ou por ambição ou desejo contrário. Os acontecimentos narrados no conto se dão em um curto espaço de tempo, visto que não interessam tanto o passado e o futuro narrativos. Essa é uma característica presente nos textos cronísticos de Plínio Marcos no Jornal da Orla, como vemos a seguir:

Por essas e outras, o Wilson Capão botou o Dodô pra treinar. A primeira bola que o Dodô pegou, ciscou de um lado pro outro, o becão Rui Maluco veio como uma vaca brava em cima dele, o boleiro se esquivou e meteu a bola entre as pernas do Rui Maluco, que ficou picado de raiva e partiu pra cima do moleque. Precisou o Henrique Alemão garantir a parada do Dodô. [...] Nova jogada. Dodô jogou a bola, esperou o Rui Maluco entrar com tudo e, outra vez, tirou o corpo e pôs a bola entre as pernas dele. Aí encardiu. Seu Capão conteve o zagueirão e berrou pro Dodô:
- Cai fora, moleque! Cai fora! Vai embora, aqui não treina mais.
("Dois grandes craques", 31/01/1999).

Considerações Finais

O presente trabalho procurou definir os termos por meio dos quais podemos chegar ao uso e inserção da crônica como forma de incentivo à leitura e criação de leitores principalmente a partir do Ensino Médio. Por entendermos que há hoje uma facilidade inédita no acesso a materiais e textos diversos em vários domínios da internet, fica justificada a escolha da crônica como gênero mais do que adequado. As razões foram apontadas como: manifestações de um povo, de uma época; miscigenação entre jornalismo e literatura. A crônica tem ainda uma abordagem de temas próxima dos leitores e atrai também aqueles que não têm a leitura como hábito.

A nossa missão é formar leitores capacitados para a escrita na diversidade de textos que circulam socialmente. A escola atual deve se preocupar pelo menos com esses atributos, mas os educadores devem ser preparados para trabalhar com o incentivo à leitura desse tipo de produção.

Não é uma tarefa fácil captar a atenção do jovem para os domínios da literatura. É sempre um desafio, mas a recompensa é gratificante. Nossa hipótese é a de que a leitura amena e mais curta acaba sendo um trunfo. Há dois aspectos a serem levados em consideração: um é o sensível trabalho com a linguagem realizado pela crônica; outro é a sua atualidade e aparência de real mesmo quando a crônica já “envelheceu” pelo menos uma geração. Outro aspecto é o fato de que o gênero crônica vem se desenvolvendo plenamente nos diversos meios impressos à disposição, hoje, do aluno na internet. Vale nesse caso a pesquisa nesses domínios. O desafio de encontrar um ou outro cronista pelo qual o aluno se afeioe fará dele um potencial leitor, e a linguagem coloquial será o instrumento dessa conquista. As estratégias são diversas. Porém, através de estratégias pedagógicas, usando a crônica com a linguagem que se aproxima da linguagem coloquial e até despojada, torna-se um suporte para conquistar o interesse do aluno.

O nosso estudo procurou realizar avaliações dos textos do autor estruturadas por pilares teóricos que nos revelaram aspectos importantes para a compreensão da produção cronística de Plínio. A tarefa nos permitiu detectar uma variedade de temas e aspectos formais expostos nas crônicas publicadas de janeiro a outubro de 1999 pelo *Jornal da Orla*. Tais características expostas de maneira sucinta podem representar identificação com o estudante do ensino médio, pois tem mais maturidade para entender as abordagens do autor.

Referências

- BOND, F. Fraser. *Introdução ao Jornalismo*. Rio de Janeiro: Editora Agir, 1962.
- BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental – Língua Portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BULHÕES, Marcelo. *Jornalismo e Literatura em Convergência*. São Paulo: Ática, 2007.
- CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: _____. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp/Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.
- COUTINHO, Afrânio. Ensaio e Crônica. In: _____. *A Literatura no Brasil*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editorial Sul Americana, 1997. v. 6,
- MELO, José Marques de. *Jornalismo Opinativo*. 3. ed. Campos do Jordão, SP: Mantiqueira de Ciência e Arte Ltda, 2003.
- MOISÉS, Massaud. *A Criação Literária*. São Paulo: Edusp, 1965.
- MOISÉS, Massaud. *A criação literária: prosa*. 9. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1979.
- RÓNAI, Paulo. *Um gênero brasileiro: a crônica*. In: HOWER, Alfred; PRETO-ODAS, Richard, orgs. *Crônicas brasileiras*. University of Florida: Center for Latin American Studies, 1971.

SILVEIRA, Maria Inez Matoso. Ateliê de crônicas & portfólio. *Leitura (UFAL)*, v. 42 p.237-249, 2009.

Artigo recebido em: 04 set. 2016

Aceito para publicação em: 30 mar. 2017